

UMA PEDAGOGIA PARA A CASA COMUM

Transformar o mundo em jardim

A PEDAGOGY FOR THE COMMON HOME
Turn the world into a garden

Massimo Venturi Ferriolo¹
Vladimir Bartalini (Trad.)²

Resumo

Uma filosofia da crise ecológica voltada para o futuro demanda uma pedagogia para a proteção da casa comum, transformando o mundo num jardim. Devemos deixar de lado o objetivo de dominar a natureza em nome do progresso e adotar um projeto político eco-socialista, baseado na sabedoria do jardineiro. O jardim – e neste contexto lembramos a arte de Roberto Burle Marx com sua feliz mistura de elementos – manifesta-se como o lugar eutópico, ou seja, belo e bom em harmonia com a natureza, recuperando seu significado original como ventre da vida. Com isso em mente, é colocada a crítica ao desenvolvimento sustentável, analisando seus significados comparados com os de progresso. A palavra de ordem deve ser: vamos transformar o mundo em jardim. Palavras-chave: crise ecológica, jardim, desenvolvimento sustentável.

Abstract

A forward-looking philosophy of the ecological crisis demands a pedagogy for the protection of the common home, transforming the world into a garden. We must put aside the objective of dominating nature in the name of progress and adopt an eco-socialist political project, based on the wisdom of the gardener. The garden – and in this context we remember the art of Roberto Burle Marx with its happy mix of elements – manifests itself as a utopian place, that is, beautiful and good in harmony with nature, recovering its original meaning as the womb of life. With this in mind, a critique of sustainable development is posed, analyzing its meanings compared to those of progress. The watchword must be: let's transform the world into a garden.

Keywords: ecological crisis, garden, criticism of sustainable development.

¹ Filósofo, ex-professor titular de filosofia Moral e Estética nas Universidades de Urbino, Milano Statale, Heidelberg, Salerno e Politecnico di Milano. Atividades de pesquisa voltadas à estética do design, com particular atenção ao processo paisagístico e à governança das transformações dos lugares. Autor de vários livros, entre os quais *Paesaggi in movimento*. Per un'estetica della trasformazione, Roma: Derive Approdi, 2016 e *Oltre il Giardino*. Filosofia di paesaggio, Torino: Einaudi, 2019.

² Arquiteto e Urbanista, professor livre docente (aposentado) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP, na área de Paisagem e Ambiente. Membro do Laboratório Paisagem, Arte e Cultura da FAUUSP com pesquisa voltada às poéticas da paisagem.

Estamos diante de um ponto sem retorno, à beira do abismo temido por Hans Jonas, que apela a uma filosofia da crise ecológica, uma filosofia que não pode ficar indiferente ao seu futuro: «quando está em jogo não só o destino do próprio povo, mas também o da humanidade e de grande parte da natureza animada, ser indiferente significa trair a causa da filosofia» (Hösle, 1992, p. 7).

Essa filosofia considera como uma única entidade a terra, o ambiente, o espaço que nos rodeia, a paisagem como quadro de vida, o jardim como sua concentração artística. É esta a única realidade concreta, e não apenas simbólica e metafísica, da casa material do homem, que é a casa comum, o terreno da ecologia, porque toda a terra é uma unidade inseparável de natureza e cultura. Devemos, portanto, sair da oposição sujeito e objeto que levou à atual destruição ambiental com a interrupção da relação intelectual e emocional do homem com a natureza, que se tornou diferente dele e sujeita ao seu domínio. Precisamos, portanto, de um pensamento que combine a autonomia do espírito com a dignidade absoluta da natureza como uma das exigências fundamentais do nosso tempo.

Em *L'Alternativa Ambiente*, Gilles Clément (2015) coloca o problema sem rodeios ao denunciar a contradição do desenvolvimento sustentável em nome do próprio desenvolvimento. Isso foi percebido por Edgar Morin, crítico da ilusão do progresso entendido como uma filosofia da história, que contesta toda ideia de desenvolvimento, inclusive o desenvolvimento sustentável. A sustentabilidade aliada ao crescimento para salvar a biosfera e as gerações futuras, embora possuidora de uma importante componente ética, não seria capaz de melhorar significativamente a própria ideia de desenvolvimento. Só o torna mais palatável, “dourando a pílula” (Morin, 2011, p. 27).

A crítica não poupa a economia verde, o marketing do bem-estar, as leis ditas favoráveis ao ambiente, as quais apelam para uma falsa salvação da humanidade quando, na verdade, o objetivo é o crescimento contínuo do capitalismo e dos lucros. Gilles Clément defende uma alternativa ao desenvolvimento sustentável, olhando com interesse para o decrescimento sem aderir totalmente a ele, distanciando-se mercado verde que invade o planeta até no campo paisagístico.

Uma solução proposta é a alternativa ambiente do jardim planetário, praticada por um jardineiro competente em substituição ao jardineiro do lucro: um projeto político desvinculado da fé indiscutível no domínio da natureza em nome do progresso. Precisamos estudar como fazer com que uma crescente população humana viva num planeta finito. Os recursos são limitados e o atual sistema de desenvolvimento econômico, mesmo sustentável, leva ao suicídio da humanidade. Nestas primeiras décadas do século, a população terrestre aposta em seu futuro ao ser governada por uma conduta alternativa baseada no abandono do projeto cartesiano, redefinindo o seu lugar no cosmos.

A humanidade ainda não conhece o seu lugar no mundo porque ainda não aprendeu a viver, isto é, a existir. Seu pensamento produziu muitas cosmogonias poéticas onde o ser humano dialoga e cohabita com os demais seres e elementos da natureza, mas hoje a natureza é vista como outra que não ele, como sua antagonista, inaugurando uma nefasta oposição a ser superada. Consideramos o meio ambiente como um entorno, o que mais distancia do que integra.

A palavra ambiente, usada para indicar o que nos rodeia, trai o não pertencimento do ser humano a este todo. Ele se coloca de outro lado, acima, não com. A posição do ser humano deveria mudar para se reavaliar como ser da natureza, revendo o seu lugar no universo, não acima ou no centro, mas sim dentro e com ele, como elemento integrador e integrado. Isto significa colocar no centro da questão a igual

dignidade dos elementos, a relação como fato constitutivo; significa apoiar a ética de Gaia com o reconhecimento de todas as entidades que partilham a terra com o seu direito à existência: reconhecimento como o próprio emblema do jardim. Desta forma a humanidade avançaria na compreensão de todos os seres vivos, tentando melhorar as suas condições.

É, portanto, necessário um projeto político promovido pela urgência ecológica com uma proposta eco-socialista, para experimentar novas políticas sociais e paisagísticas, baseadas na consciência do jardineiro planetário, papel a que todos os habitantes da terra devem ser chamados, para tornem-se paisagistas informados. Por isso é necessário educar para abandonar com plena consciência o projeto cartesiano de domínio da Natureza e abrir com ela um diálogo convincente.

Este caminho foi trilhado também com pleno conhecimento de causa pelo Papa Francisco com uma magistral encíclica sobre o cuidado da casa comum que toma o título do cântico das criaturas do santo de Assis. O texto ultrapassa a esfera dos crentes para abordar, com dados científicos indiscutíveis e riqueza de argumentos, toda a comunidade humana para construir um futuro melhor pensando na crise ambiental e no sofrimento dos excluídos, em prol de uma ecologia que leve em conta a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta.

Então, como proceder? Mudar de modelo, passando da ganância por bens materiais ao desejo por bens imateriais; favorecer a verdadeira cultura, ou seja, o desenvolvimento do conhecimento, a requalificação dos ambientes, a melhoria da saúde, todas as ações para a gestão da ecologia planetária. Anunciar uma nova economia baseada nos interesses do indivíduo e da comunidade contraposta à atual, ligada ao capitalismo.

O princípio do jardim exige que toda a humanidade seja um jardineiro versado na diversidade; que a conheça e a leve em consideração sem destruí-la, como garantia de um futuro para a vida: trata-se de um todo onde o próprio planeta é considerado um jardim, sendo todos nós responsáveis por todo o ecossistema; um lugar onde nossos gestos repercutem na harmonia do universal como parte de um todo. Os limites desta jardinagem são definidos pela extensão dos poderes do homem sobre a natureza. Este é o projeto político de uma ecologia humanista que faz da terra um único jardim.

A teoria da diversidade está presente na metáfora da riqueza humana, mineral, hídrica e vegetal da nossa terra. O ser humano e a natureza fazem parte de um único ecossistema indissociável onde o primeiro nada mais é do que um elemento, um frágil caniço pascaliano, ainda que pensante, inserido no contexto indissociável dos quatro elementos: terra, ar, água, fogo. Ele é jardineiro, não apenas por nascimento, mas por sua própria essência como habitante de um mundo ajardinado. Isso nos remete ao Sítio Burle Marx, na Barra de Guaratiba, onde o artista-jardineiro- botânico, com sua arte total que expressa a coesão de natureza e cultura, mostra uma relação correta entre o ser humano e a natureza, evidenciando a sacralidade de sua poesia.

A alegre mistura de elementos, a aceitação da multiplicidade de formas e ideias é uma mensagem cultivada com rigor, a ser acolhida: uma pedagogia baseada na natureza, atenta às relações constitutivas de uma ética que é ao mesmo tempo estética, não só vegetal, mas também da atividade humana com suas infinitas possibilidades. O artista criou uma prática extraordinária e incisiva, ao mesmo tempo uma metáfora da variedade humana, portadora de um pensamento social de forte impacto e relevância, que relembra as variedades ilimitadas do homem e do seu ambiente. Destaca-se um princípio fundamental do mundo como jardim, uma complexidade unitária da natureza e da cultura, um guia para o nosso olhar compreender a profundidade das relações naturais que formam e estruturam as diversas sociedades humanas e as suas culturas.

Acolhemos este pleito de transformar o mundo num jardim, como um sonho antigo de restaurar a imagem do Paraíso Terrestre, desfrutando-o como objeto de contemplação e não consumindo-o como objeto de exploração. A eutopia do jardim propõe esta imagem idílica, fundamento da esperança de um mundo melhor graças a uma arte respeitosa.

O jardim é, portanto, o lugar em que acreditamos, onde a nossa interioridade se torna mundo e é internalizada como prenúncio de uma relação íntima entre nós e o mundo desejado. Neste sentido, a sua metáfora é elevada, abrindo-nos a um pensamento sem fronteiras, ao mesmo tempo espaço da nossa vida, aberto ao conhecimento, espírito e meta de felicidade, antiga *eudaimonia*, aspiração eterna ao lugar desejável, projetada no futuro em sua realidade adequada à vida. Não há limites para o sonho da qualidade de um ambiente saudável, sem limites para a coexistência de seres humanos, plantas, animais e minerais; lugar desejado com o ventre da vida na origem, continuidade do curso natural das coisas desde o nascimento, processo de paisagem, mundo-jardim.

A unidade do fazer e do contemplar sustenta a tríade sentimento – pensamento – vida. O jardim oferece-se como modelo de ação humana como arte, espírito revelado pela filosofia, com a construção de ambientes para a vida numa constante ética contemplativa. O objetivo é uma natureza bela que conduza à existência humana, um lugar-mundo adequado ao valor artístico da obra de arte. Aqui está subentendido ou evidente nas suas formas tudo o que pertence à época atual, captando ao mesmo tempo a vida do habitante e a leitura de um lugar, de um país, de um território de origem ou estranho. A leitura atenta oferece uma interpretação correta do território: não se detém nas aparências, mas estuda-as e compreende-as para além do impacto da primeira vista para apreender a totalidade múltipla do panorama percebido. Tudo isto é esteticidade, difusa em uma paisagem e concentrada em um jardim. A substância filosófica é, no entanto, a mesma.

A relação entre filosofia, ecologia e jardim leva-nos a estudar os lugares, ouvindo o apelo dos cientistas alarmados com os efeitos da degradação ambiental e da destruição das paisagens ligadas à vida dos seres humanos, dos animais e das plantas. O seu grito de alarme pela vida em perigo advém dos resultados biológicos, químicos e urbanísticos da opção metropolitana em detrimento da opção paisagística, quando o urbanismo se afasta do jardim no seu sentido pleno de enquadramento da vida. Por esta razão, a humanidade deve tomar consciência da necessidade de mudanças nos estilos de vida, especialmente na produção e consumo da terra. A ideia de desenvolvimento deve ser revista, percebendo que dela está excluída a maior parte da população mundial.

Fala-se muito em desenvolvimento sustentável para apoiar a própria ideia de desenvolvimento como se ele pudesse prosseguir infinitamente num mundo finito e deteriorado. Foi revelado o truque da sustentabilidade que entra em conflito com o próprio desenvolvimento. O conceito de progresso foi deixado de lado, esquecendo que somos parte integrante de um processo em constante movimento, a Natureza. Passemos aos significados. Progresso é o avanço de qualquer fenômeno para estágios superiores, que se atinge com o progresso da cultura, do conhecimento científico e tecnológico. A palavra revela o conjunto de iniciativas adequadas para melhorar as condições de vida da humanidade. Já o desenvolvimento é a ação de aumentar, aumentar. Em vez disso, precisamos parar e refletir para além da ideia de sustentabilidade intrínseca ao crescimento, avançando para um progresso sustentável que tenha em conta a pobreza do mundo, para que a terra seja um jardim.

A função da estética hoje exige uma escolha ética, para superar a alternativa entre uma filosofia impregnada de ideologias do passado e uma sociologia que visa o processo de civilização. Toda solução deve ser buscada dentro da nossa realidade. A filosofia é-lhe

imane como uma razão intrínseca para o nosso mundo superar a fratura moderna entre a natureza como paisagem e a natureza como objeto de estudo científico. O jardim, autêntica metáfora, tem, portanto, a dignidade do verdadeiro pensamento e estilo de vida filosófico, bem como o fundamento da sabedoria ligada à Mãe Terra.

A filosofia do jardim olha para o futuro para melhor compreendermos a nós mesmos e ao mundo, recupera a memória e a história que une diferentes tempos, conduzindo-nos de volta à totalidade da natureza, ao diálogo antigo perdido. Recupera a contemplação ativa para salvaguardar o processo paisagístico com a proposta de uma ética para questionar a história e mirar o futuro com uma perspectiva responsável.

Referências

CLÉMENT, Gilles. *L'Alternativa Ambiente*. Trad. italiana Giuseppe Lucchesini. Macerata: Quodlibet, 2015.

HÖSLE, Vittorio. *Filosofia della crisi ecológica*. Trad. italiana P. Scibelli. Torino: Einaudi, 1992. Edição brasileira: HÖSLE, Vittorio. *Filosofia da crise ecológica: conferências moscovitas*. Tradução G. A. Assumpção. São Paulo: Liber Ars, 2019.

MORIN, Edgar. *La Voie. Pour l'avenir de l'humanité*. Paris: Fayard, 2011.